

As Operações de Contrainsurgência na Rodésia e a Preferência por Matar

Marno de Boer

NOS ANOS 70, houve uma sangrenta insurgência na antiga Rodésia, atual Zimbábue. Os insurgentes africanos enfrentaram o Estado colonizador, que estava determinado a conservar o poder nas mãos dos brancos. O governo adotou uma estratégia de contrainsurgência punitiva, centrada no inimigo. Entre os militares rodesianos, muitos acabaram se engajando nessa abordagem de tal modo que os limites das regras de engajamento foram ultrapassados. Embora a Guerra Civil da Rodésia tenha ocorrido em um contexto histórico específico, ela deve servir de alerta aos comandantes das Unidades atualmente envolvidas em operações “antiterrorismo” centradas no inimigo.

Visão Geral do Conflito

A Rodésia foi fundada em 1890 por Cecil Rhodes, que buscava impor o domínio britânico no sul da África. Em 1923, ela tornou-se um território autônomo, ainda pertencente ao Império Britânico. Ao término da Segunda Guerra Mundial, os brancos buscaram conservar o poder em suas mãos nas ex-colônias britânicas, embora a Grã-Bretanha lhes houvesse concedido independência sob o princípio de governo da maioria. A Rodésia, a Grã-Bretanha e os nacionalistas africanos não conseguiram chegar a um acordo, levando Ian Smith, o então Primeiro-Ministro da Rodésia, a aprovar a Declaração Unilateral de Independência, em 11 Nov 65. A declaração manteve o poder político e econômico nas mãos dos brancos, o que desencadeou uma resistência africana dividida em dois grupos políticos: a União Popular Africana do Zimbábue (*Zimbabwe African People's Union — ZAPU*), encabeçada por Joshua Nkomo; e a União Nacional Africana

do Zimbábue (*Zimbabwe African National Union — ZANU*), sob a liderança de Ndabaningi Sithole. A União Popular Africana do Zimbábue era apoiada pela tribo Ndebele, que incluía cerca de 19% dos 4,8 milhões de negros da Rodésia. A União Nacional Africana do Zimbábue contava com o apoio da tribo Shona, que representava quase 80% da população negra. Havia, ainda, cerca de 230 mil brancos, 9 mil asiáticos e 15 mil pessoas de etnia mista vivendo no país¹.

Quando Smith adotou a Declaração Unilateral de Independência, a ZAPU e a ZANU partiram para a ofensiva por meio de seus braços armados, o Exército Revolucionário Popular do Zimbábue (*Zimbabwe People's Revolutionary Army — ZIPRA*) e o Exército Africano de Libertação Nacional do Zimbábue (*Zimbabwe African National Liberation Army — ZANLA*), respectivamente. Eles infiltraram a Rodésia pela Zâmbia, entre 1966 e 1968. O fato de o fazerem em grandes grupos possibilitou que as Forças de segurança rodesianas rapidamente os detectassem e atacassem. No final de 1968, 160 insurgentes haviam sido mortos, em comparação a 12 integrantes das Forças de segurança. Os guerrilheiros não conseguiram estabelecer uma base na Rodésia, e os sobreviventes fugiram de volta para a Zâmbia².

Como consequência, o ZANLA passou a adotar um enfoque maoísta, com o auxílio de assessores chineses. Planejou evitar confrontos diretos com as Forças de segurança e ampliar o controle sobre o interior paulatinamente. Isso alterou o padrão da guerra no início dos anos 70, quando o ZANLA começou a estabelecer controle sobre os africanos nas áreas rurais. Seu objetivo estratégico era sobrecarregar as Forças de segurança de modo que

Marno de Boer cursa, atualmente, o mestrado de Direito Europeu (L.L.M.) em Direito Internacional Público, na Utrecht University, na Holanda, após ter concluído mestrado em História do Combate no Departamento de Estudos de

Guerra, King's College, Londres. Este artigo se baseia na sua tese de bacharelado na University College, Utrecht, Holanda.

a economia dos brancos entrasse em colapso, à medida que fossem mobilizados grandes contingentes de reservistas. Uma aliança com o grupo guerrilheiro FRELIMO, de Moçambique, permitiu que o ZANLA utilizasse o território vizinho para infiltrar a Rodésia, especialmente depois que aquela organização tornou-se o governo de direito, em 1975, quando seu país conquistou a independência de Portugal³. O ZANLA passou, então, a “inundar” a Rodésia com guerrilheiros. Estima-se que seu efetivo no país passou de 1.600, em janeiro de 1976, para 6 mil, em meados de 1977. Perto do fim da guerra, o ZANLA empregava cerca de 10 mil combatentes no país, mantendo 3.500 no exterior, como sua reserva.

A essa altura, o ZIPRA tinha cerca de 4 mil homens infiltrados, com 16 mil combatentes treinados, na reserva⁴. Diferindo do enfoque maoísta adotado pelo ZANLA, o braço militar da ZAPU optou pelo assessoramento e assistência da União Soviética, esperando travar uma batalha decisiva⁵.

No final, a estratégia do ZANLA mostrou-se vitoriosa. As Forças de segurança perderam o controle sobre vastas extensões do país. A extensiva mobilização e o aumento dos gastos com defesa debilitaram a economia, levando um número considerável de brancos a emigrar. No final de 1979, a Rodésia estava à beira do colapso⁶.

Nem mesmo um acordo interno, segundo o qual os brancos compartilhariam o poder com o bispo africano Muzorewa, de orientação não marxista, foi capaz de estabelecer a paz. Nem os grupos insurgentes nem a comunidade internacional reconheceram esse governo. Em dezembro de

Fora algumas tentativas de controle da população, não havia um programa para conquistar o povo africano com medidas positivas.

1979, a realização de eleições com base na maioria foi acordada em Londres, entre os governos da Grã-Bretanha e da Rodésia e os grupos ZAPU e ZANU. Em março de 1980, Robert Mugabe, então o líder deste último, venceu as eleições.

Uma Estratégia Punitiva

As Forças de segurança rodesianas adotaram uma abordagem de contrainsurgência punitiva. Fora algumas tentativas de controle da população, não havia um programa para conquistar o povo africano com medidas positivas. O Exército concentrou-se em alcançar uma elevada “taxa de eliminação” de insurgentes⁷. E superou-se, nesse mister. Mesmo com equipamentos antiquados, o Exército rodesiano eliminou mais de 10 mil guerrilheiros no país e outros milhares no exterior, sofrendo apenas 1.361 baixas entre dezembro de 1972 e dezembro de 1979⁸. Este artigo demonstra que os militares rodesianos inicialmente adotaram uma estratégia baseada na eliminação da insurgência e, mais tarde, acabaram extrapolando os limites, o suficiente para prejudicar a forma pela qual o alto comando e os dirigentes políticos desejavam conduzir a guerra.

Estudos sobre os antecedentes dessa abordagem punitiva explicam que sua principal razão foi o fato de a Declaração Unilateral de Independência ter como objetivo conservar uma posição privilegiada para os brancos. Estes nunca se dispuseram a renunciar aos privilégios, ainda que apenas o suficiente para conquistar os negros⁹.



Associated Press/Louis Gubb

Manifestantes comemoram o fim do colonialismo açoitando a estátua do fundador da Rodésia, Cecil John Rhodes, 31 Jul 80.

Portanto, uma abordagem como a utilizada pela Grã-Bretanha na Malásia — com melhoras na situação dos habitantes de etnia chinesa e com a promessa de independência — não era viável. O que restou foi o emprego de força para eliminar os insurgentes, em uma estratégia de atrito.

Essa opção foi reforçada por antolhos ideológicos. Os rodesianos brancos viviam com a falsa impressão de que os negros de seu país eram os “mais felizes da África”¹⁰. Acreditavam, ainda, que a maioria dos africanos só entendia e respeitava a força¹¹. Nesse aspecto, a Rodésia mantinha o pensamento que havia sido manifestado pelo Coronel britânico Charles Callwell no final do século XIX, em seu estudo sobre guerras coloniais¹². Além disso, os rodesianos achavam que a maioria dos africanos era incapaz de desenvolver ideias políticas ou de formar organizações eficientes. Concluíram, assim, que a guerra não era motivada por injustiças internas, mas por agitadores comunistas externos, orientados pela China e pela União Soviética. O objetivo da guerra passou a ser a eliminação desses “intrusos”. Essa interpretação dos fatos também se encaixava perfeitamente com a relutância da Rodésia em dividir poder ou recursos com os negros¹³. Com efeito, a estratégia funcionou, no decorrer dos anos 60. O Exército foi capaz de rastrear e lidar com infiltrações de grandes grupos, distantes das áreas povoadas. O sucesso inicial reforçou a crença dos rodesianos brancos em sua superioridade militar. Nem mesmo a adoção do combate revolucionário maoísta por parte do ZANLA chegou a causar problemas imediatos para a Rodésia, a ponto de fazê-la revisar sua estratégia. Até a FRELIMO assumir o poder em Moçambique, o ZANLA não conseguia expandir-se fora do nordeste subdesenvolvido do país. Nessa época, a guerra havia chegado a um impasse¹⁴. Entretanto, de 1976 em diante, a abordagem punitiva tornou-se fatal. O ZANLA inundou o país com guerrilheiros, ao passo que a Rodésia não foi capaz de oferecer uma solução politicamente aceitável para o povo africano ou de alcançar um índice de eliminação superior aos índices de recrutamento e infiltração alcançados pelo braço armado da ZANU¹⁵.

Instrução dos Soldados

Na instrução de Infantaria, os recrutas

rodesianos passavam por uma imersão na abordagem centrada no inimigo. O programa visava a torná-los proficientes na eliminação de insurgentes. Ele consistia em seis semanas de instrução básica, seis semanas de treinamento em guerra convencional e cinco semanas do que hoje denominamos combate de contrainsurgência (COIN). Nesta última fase, os recrutas recebiam intensa instrução de combate na selva. Recebiam instruções de tiro contra alvos móveis utilizando a técnica conhecida como *double tap* (dois tiros disparados em rápida sucessão, para compensar o recuo do fuzil), de preparação e reação a emboscadas e de embarque/desembarque de helicóptero. Também aprendiam técnicas de sobrevivência¹⁶. O programa dos anos 60 havia sido ligeiramente diferente, com menos ênfase em COIN e maior foco na aptidão física e nas técnicas de emprego do armamento individual¹⁷.

Outro objetivo era transformar os soldados em combatentes extremamente agressivos. Isso era posto em prática de modo explícito, em exercícios em que os recrutas deveriam gritar palavrões enquanto atacavam sacos de areia com suas baionetas¹⁸. Um antigo recruta afirma que essa imposição também existia de forma implícita, ao longo de todo o treinamento. Além disso, instrutores abusivos provocavam a raiva e o ressentimento entre os recrutas, que estes, mais tarde, descarregariam no inimigo¹⁹. Alguns sugerem que essas mesmas técnicas teriam sido utilizadas no treinamento estadunidense durante a Guerra do Vietnã²⁰.

Vários aspectos estavam nitidamente ausentes durante a instrução básica. Destaca-se, sobretudo, a inexistência de instrução sobre o tratamento de civis e sobre o valor da Inteligência. Na verdade, o manual de COIN rodesiano mencionava a importância de boas relações civis-militares, o valor dos prisioneiros e as dificuldades em estabelecer postos de observação em áreas rurais, tudo pela ótica de sua importância para a Inteligência²¹. Isso não surpreende, uma vez que ele foi redigido por Sir Robert Thompson, especialista britânico contemporâneo em COIN. Além disso, vários oficiais rodesianos mais antigos haviam combatido na emergência malaia, da qual Thompson extraiu seus ensinamentos²². A ausência desses temas durante a instrução básica é ainda mais marcante à luz do modo pelo qual



Associated Press/Matt Franjola

Guerrilheiros comemoram o fim de uma longa guerra ao deixarem o estádio onde foram realizadas as celebrações da independência, Salisbury, Rodésia, 18 Abr 80.

a Rodésia organizou seu esforço de guerra. A maioria das patrulhas era conduzida por pequenas frações com quatro integrantes (denominadas *stick*) ou por grupos de oito homens, sempre sob o comando de um soldado ou cabo. Essas pequenas frações tinham de cuidar das relações civis-militares, executar as detenções e fazer a coleta e a busca de informações no terreno. Apesar da importância dada a esses aspectos no manual, o treinamento dos soldados se concentrava nos aspectos de COIN voltados à eliminação de insurgentes.

Emprego em Combate Punitivo: A Força de Fogo e os Ataques de Surpresa Externos

O emprego da tropa em combate reforçava ainda mais sua experiência centrada no inimigo. O exemplo emblemático disso era a “força de fogo” (*fire force*), uma invenção rodesiana para empregar seus escassos efetivos de forma mais agressiva. Quando guerrilheiros eram localizados — geralmente pelos integrantes do multirracial Regimento de Forças Especiais *Selous Scouts*, que se passavam por insurgentes

— helicópteros *Alouette* e, mais tarde, aviões *Dakota*, traziam tropas para cercar o inimigo²³. A princípio, tropas regulares do Regimento de Infantaria Leve da Rodésia (constituídas somente por brancos) compunham as forças de fogo. Com a ampliação das áreas atingidas pelos combates, soldados negros, sob o comando de oficiais brancos da Infantaria Africana da Rodésia (*Rhodesian African Rifles*), e reservistas brancos dos Regimentos rodesianos também passaram a integrá-las. O fato de a Inteligência ter atribuído 68% das mortes dos insurgentes em território rodesiano aos *Selous Scouts*, que geralmente deixavam a tarefa de eliminação para a força de fogo, indica o importante papel desse conceito de emprego²⁴.

O diário de um comandante de companhia da Infantaria Africana da Rodésia, o Capitão André Dennison, indica, claramente, como a força de fogo alterou a experiência de guerra dos soldados. De 11 Jul a 22 Ago 78, sua companhia conduziu patrulhas regulares, eliminando três insurgentes e capturando um. Sua missão anterior, entre 16 de maio e 27 de junho, integrando uma força de fogo, resultou na eliminação de 37 guerrilheiros

e na captura de 4. Na missão seguinte, novamente como força de fogo, entre 05 Set e 17 Out 78, 72 guerrilheiros foram eliminados e 6, capturados²⁵.

Os integrantes da força de fogo possuíam a iniciativa tática e conduziram combate agressivo contra o inimigo. Isso era importante porque, como descreveu um militar, “quanto maior o número de engajamentos, mais o moral aumentava, pois havia resultados tangíveis para todo o esforço feito e sentia-se, então, que algo construtivo estava sendo alcançado”. Quando estava tudo quieto, a tropa ficava entediada e irritada com as normas do Exército, e o moral diminuía²⁶.

Os ataques de surpresa através da fronteira constituíam a segunda forma de emprego do combate centrado no inimigo. Quando a guerra se intensificou, a Rodésia organizou operações na Zâmbia e em Moçambique, com o intuito de atacar as bases dos insurgentes e inquietá-los em suas vias de infiltração. No início, o Serviço Especial de Aviação, os *Selous Scouts* e a Infantaria Leve da Rodésia conduziram os ataques, mas, depois, os Regimentos rodesianos também participaram. Um reservista chegou a descrever uma patrulha com duração de dez dias, que adentrou 70 quilômetros em Moçambique²⁷.

Os soldados eram, de modo geral, favoráveis à condução de operações transfronteiriças. Assim como nas missões da força de fogo, as operações tinham como objetivo uma alta taxa de eliminação e produziam resultados tangíveis. Os ataques através da fronteira correspondiam, assim, à percepção rodesiana em relação à guerra. Em discussões informais nos acampamentos, os soldados rodesianos frequentemente defendiam a necessidade de atacar bases estrangeiras. Ficavam frustrados quando essas atividades eram suspensas por medo de reações negativas por parte da comunidade internacional²⁸. A Infantaria Leve da Rodésia também apreciava os ataques transfronteiriços, pois eles confirmavam seu *status* como tropa de elite. Ouviam relatos da “velha guarda”, que havia combatido com os portugueses em Moçambique, e ansiavam por participar de ações semelhantes. Os integrantes da Infantaria Leve da Rodésia se sentiram honrados por receberem seus *briefings* preparatórios junto com os militares do Serviço Especial de Aviação²⁹.

Outras Operações Internas

As operações executadas quando as tropas não estavam empregadas como força de fogo



Associated Press/J. Ross Baughman

Combatentes a cavalo detêm um rodesiano negro para interrogatório, Lupane, sul da Rodésia, Set 77.

serviam apenas para reforçar ainda mais a compreensão que tinham da guerra, ou seja, do combate centrado no inimigo. Entre essas operações estavam emboscadas e grandes varreduras no terreno, exclusivamente voltadas à eliminação de insurgentes. A segurança e a administração de aldeias protegidas, para onde os camponeses eram obrigados a mudar-se, a fim de isolar os insurgentes da população, ficavam a cargo de uma tropa de Guarda distinta³⁰. Os soldados rodesianos nunca participavam da pacificação ou do desenvolvimento de uma área específica.

As únicas tarefas internas não diretamente voltadas à eliminação eram a busca e a coleta de informações. Entretanto, essas atividades produziam resultados tão inadequados que provavelmente não chegaram a influenciar a percepção dos soldados quanto à guerra. Uma rede de alerta rápido dos *mujibas* (adolescentes simpatizantes da causa insurgente) e os limitados conhecimentos dos soldados brancos quanto ao ambiente local criaram problemas praticamente insuperáveis³¹. Só os *Selous Scouts* pareciam contar com o treinamento especial e os conhecimentos locais necessários para atuar efetivamente em postos de observação³². O diário de Dennison mostra claramente os resultados insatisfatórios desses postos e das emboscadas aleatórias, realizadas em pontos de abastecimento de água e acampamentos que já haviam sido abandonados pelos guerrilheiros. Embora sua companhia fosse predominantemente integrada por africanos negros, seu desdobramento resultou na eliminação de apenas três insurgentes e na captura de um, tendo o seu lado sofrido duas baixas. Os contatos, em sua maioria, consistiram em emboscadas iniciadas pelos guerrilheiros. O desdobramento seguinte, de 05 de setembro a 17 de outubro, foi, mais uma vez, como força de fogo, resultando na eliminação de 72 e na captura de 6 insurgentes, para 4 soldados feridos³³. As patrulhas enfrentaram problemas semelhantes em virtude da rede de *mujibas* e de sua falta de familiaridade com a região³⁴. Portanto, a coleta e busca de dados por tropas não especializadas não era muito efetiva, sendo improvável que ela pudesse alterar a impressão de que a guerra tinha como objetivo a eliminação de adversários, em operações agressivas.

Cerveja, Coturnos e Vietnã

Além dos resultados militares tangíveis, outros fatores influenciaram a preferência por ações punitivas. Os soldados não precisavam passar a noite no frio, alimentando-se de ração operacional. Ao contrário, dormiam em camas de campanha e saboreavam refeições quentes e cerveja gelada³⁵. Durante o dia, ficavam de prontidão e podiam jogar cartas, em vez de caminharem longas distâncias como infantes. Era justamente por esses motivos que um soldado acostumado a patrulhas a pé ficava satisfeito ao ser designado para uma força de fogo³⁶. Outra vantagem da força de fogo era a oportunidade de saquear guerrilheiros mortos. Vários deles portavam dinheiro e, por isso, os soldados revistavam os corpos imediatamente depois do combate. As tropas valorizavam as pistolas *Tokarev*, que podiam vender por um bom preço no mercado paralelo³⁷. Também procuravam por equipamentos úteis — como equipamento de lona, cantis e até coturnos — para substituir o material de qualidade inferior distribuído pela Rodésia³⁸.

A presença de veteranos da Guerra do Vietnã influenciou ainda mais os soldados rodesianos. Estima-se que 1.400 estrangeiros tenham servido junto à Infantaria Leve³⁹. Não se sabe o número de veteranos estadunidenses ou australianos da Guerra do Vietnã que estiveram na região, à época, mas a maioria dos soldados rodesianos parece ter tido contato com pelo menos um, em algum momento⁴⁰. Esses veteranos haviam combatido em uma guerra em que a “contagem de corpos” era considerada o indicador do sucesso⁴¹. Era essencialmente o mesmo que a “taxa de eliminação” da Rodésia. Os veteranos do Vietnã eram normalmente bem recebidos no país, e os soldados rodesianos, com frequência, mostravam interesse nas experiências que traziam⁴². É bastante provável que esses veteranos tenham reforçado o foco punitivo dos soldados rodesianos. É difícil comprovar sua influência, mas a gíria empregada pelos soldados oferece uma dica. No início da guerra, os insurgentes eram chamados de “terroristas”, termo que outros rodesianos utilizaram durante toda a guerra⁴³. No final dos anos 70, os soldados passaram a chamar os insurgentes de *gooks*⁴⁴. Esse era o mesmo termo depreciativo que havia sido utilizado por alguns

estadunidenses no Vietnã, ao se referirem aos adversários⁴⁵. Além disso, uma rede de itinerários de infiltração frequentemente utilizada pelo ZANLA era chamada de “Trilha Ho Chi Minh”, nome da rota usada pelos norte-vietnamitas para infiltrar o sul⁴⁶.

Intensificação da Abordagem Punitiva: a Execução de Prisioneiros

A preferência dos soldados pela eliminação de insurgentes não prejudicou o esforço de guerra. A taxa de eliminação talvez não fosse um método produtivo para vencer a guerra, mas era uma estratégia que havia sido concebida pelos próprios dirigentes da Rodésia. Sendo assim, a preferência dos soldados por ações punitivas nada mais era que a execução da estratégia nacional no nível tático. Entretanto, na área de operações, os soldados adotaram a abordagem punitiva com tal entusiasmo que ela passou a ser um fim em si, prejudicando os planos da alta liderança.

A frequente execução dos insurgentes feridos ou que haviam se rendido é o mais claro exemplo disso. Segundo Thompson, a coleta de informações é de extrema importância na contra-insurgência. Permite que as Forças de segurança desfaçam a rede clandestina de insurgentes e obtenham uma elevada taxa de eliminação. As principais fontes de informações são os agentes, os informantes e os adversários e documentos capturados⁴⁷. Na Rodésia dos anos 60, foi, de fato, a rede de informantes do Quadro Especial de Polícia que detectou a maioria dos guerrilheiros infiltrados⁴⁸. Entretanto, em 1972, o ZANLA havia politizado a população a tal ponto que conseguiu destruir a rede de informantes no nordeste do país⁴⁹. A reativação dessa rede durante a guerra mostrou-se difícil⁵⁰.

Em consequência, a captura de prisioneiros tornou-se vital para o esforço de guerra. Juntamente com os documentos apreendidos, constituía o principal meio de obtenção de informações. O fato de que insurgentes frequentemente revelavam informações depois da captura ajudara os britânicos na Malásia⁵¹. Isso também parece ter ocorrido na Rodésia⁵². As informações extraídas dos prisioneiros foram realmente vitais para o planejamento de ataques aos acampamentos de insurgentes⁵³. O

problema com esse procedimento era que os prisioneiros e os documentos capturados somente revelavam informações desatualizadas. Para obter informações mais recentes, que pudessem levar à eliminação de insurgentes dentro da

...os soldados adotaram a abordagem punitiva com tal entusiasmo que ela passou a ser um fim em si, prejudicando os planos da alta liderança.

Rodésia, o Exército organizou seu Regimento *Selous Scouts*, em 1974. Eles fingiam ser insurgentes para obter informações da população rural sobre a presença de guerrilheiros e para conduzir reconhecimento sem que os *mujibas* dessem o alerta. Em seguida, eles capturavam os insurgentes por conta própria ou chamavam a força de fogo. Para funcionar, o conceito exigia um fluxo constante de informações sobre os hábitos, senhas, treinamento e organização dos insurgentes⁵⁴. Os prisioneiros passaram, assim, a ser fundamentais para o esforço de obtenção de informações da Rodésia.

Entretanto, os soldados regulares rodesianos frequentemente executavam os guerrilheiros feridos ou que haviam se rendido. A Infantaria Leve e a Infantaria Africana da Rodésia foram as principais envolvidas nesse tipo de atividade, já que, como forças de fogo, elas tiveram o maior número de contatos. Na Infantaria Leve, a execução de inimigos feridos era praticamente um procedimento operacional padrão. Dennis Croukamp, que serviu nesse Regimento antes e depois de uma missão com os *Selous Scouts*, afirma que os comandantes de pelotão normalmente atiravam nos guerrilheiros feridos ou que haviam se rendido. A maioria sabia que os superiores queriam e precisavam de prisioneiros, mas simplesmente decidiu ignorar isso⁵⁵.

A execução de prisioneiros também ocorreu em outras Unidades. Em 45 meses, a Companhia de Infantaria Africana de Dennison eliminou 364 insurgentes, capturando apenas 39⁵⁶. O

motivo mais provável para essa discrepância é que os soldados não estavam inclinados a fazer prisioneiros. É improvável a explicação de que os insurgentes teriam levado seus feridos depois do combate. A principal medida contra as forças de fogo era fugir em todas as direções⁵⁷. Ademais, o número de armas capturadas normalmente coincidia com o número aproximado de mortos e prisioneiros⁵⁸. Ao fugirem, os guerrilheiros provavelmente não levavam nada a não ser os próprios equipamentos, porque a força de fogo atirava nos feridos. Houve um reservista que chegou a mencionar que um capitão incentivava a execução de prisioneiros⁵⁹.

Além de considerações pessoais, havia alguns motivos gerais por trás de tudo isso. Embora, sem dúvida, o racismo tenha sido um fator, é bem verdade que um forte compromisso ideológico com a causa rodesiana não era uma precondição para nenhum deles. Alguns dos soldados da Infantaria Leve citados anteriormente não eram fortes partidários ideológicos da causa rodesiana⁶⁰. Isso fica ainda mais evidente no caso dos soldados da Infantaria Africana, que haviam ingressado no Exército principalmente pela oportunidade financeira. Contudo, é provável que o prisma geral pelo qual os rodesianos enxergavam a guerra tenha preparado o terreno para as execuções. Sua visão era de que o inimigo consistia em “terroristas comunistas” vindos do exterior, que haviam se infiltrado na pacífica Rodésia, lar dos “negros mais felizes da África”. Disparar contra alguém considerado um “terrorista” era provavelmente mais fácil para os soldados do que atirar em um camponês insatisfeito com as injustiças raciais e sociais do país. O adestramento, com seu foco no acirrado combate na selva, fortalecia essa visão.

A intensificação dos combates reforçou tais atitudes. No final dos anos 60 e início dos anos 70, os soldados da Infantaria Leve da Rodésia haviam acompanhado o Exército Português em Moçambique. Um desses homens contou que o hábito português de executar os prisioneiros chocou os rodesianos, que, no entanto, acabariam fazendo exatamente o mesmo, mais tarde⁶¹. Outro soldado, ao reclamar de uma ordem de prestar primeiros socorros a guerrilheiros feridos, disse que seu sargento provavelmente ainda não sabia que a guerra era suja e que

os adversários nunca cogitariam tratar de um soldado rodesiano ferido⁶². Considerando o fato de que a sociedade rodesiana também passou a ter uma postura mais insensível no período final da guerra, é provável que muitos reservistas convocados tenham sentido o mesmo que os militares de carreira⁶³.

Outro motivo para a execução de prisioneiros foi o fato de os soldados rodesianos não terem grande respeito pela comunidade de Inteligência. O Quadro Especial era, em vários aspectos, uma organização policial de tempos de paz, que tinha dificuldade em fornecer as informações operacionais de que o Exército precisava⁶⁴. Nas operações na Malásia, o emprego do Quadro Especial para colher informações havia funcionado bem para os britânicos, que, naquele caso, ele havia promovido o intercâmbio de oficiais de ligação qualificados com o Exército⁶⁵. Na Rodésia, em contraste, o Exército muitas vezes utilizava os poucos cargos de Inteligência para se livrar de oficiais incompetentes⁶⁶. A situação só melhorou quando indivíduos das duas organizações passaram a cooperar estreitamente e com regularidade, como no caso dos *Selous Scouts*⁶⁷. Croukamp considerava as informações recebidas dos *Selous Scouts* bem melhores do que as colhidas pela Infantaria Leve. Vários soldados expressaram opiniões semelhantes⁶⁸. Sem considerar os méritos do Quadro Especial, parece que a falta de ênfase nas atividades de Inteligência durante o adestramento também contribuiu para essa relutância em atender aos pedidos de busca de dados.

Havia um motivo de cunho prático para as execuções. Os prisioneiros, feridos ou não, ainda podiam escapar ou resistir e, por isso, era preciso que os soldados os vigiassem. Como os rodesianos combatiam em pequenas frações de apenas quatro homens, seria praticamente impossível deixar alguém na função de vigia. Depois do contato, as tropas precisavam carregar os prisioneiros feridos para uma zona de pouso de helicópteros, o que tornava a pequena fração vulnerável a emboscadas. Era comum que os soldados preferissem executar os prisioneiros, pois estes tomavam precioso espaço no helicóptero *Alouette*, capaz de transportar apenas quatro homens. Transportá-los significaria que os soldados teriam de

permanecer fora a noite toda, em vez voltar à base e saborear uma cerveja gelada⁶⁹.

Perto do final da guerra, com o acordo interno à vista — e, especialmente, quando teve início a conferência de Lancaster House —, os soldados compreenderam que os prisioneiros talvez fossem libertados graças a programas de anistia. Em consequência, alguns mataram os guerrilheiros que se renderam em campanha e só mantiveram como prisioneiros alguns oficiais que pudessem revelar informações valiosas⁷⁰. Essa execução de prisioneiros na época do programa de anistia não só prejudicou a coleta de informações, como também dificultou a solução política que a Rodésia buscava, ao apoiar o Primeiro-Ministro negro Muzorewa. A Rodésia tinha a esperança de que Muzorewa fosse capaz de fazer com que os negros aceitassem uma sociedade em que os brancos conservassem uma posição privilegiada, convencendo a comunidade internacional a suspender as sanções impostas depois da Declaração Unilateral de Independência. Uma das principais maneiras encontradas para mostrar que Muzorewa realmente contava com o apoio popular e era capaz de pôr fim à guerra foi o programa de anistia, que criaria uma milícia governamental composta de ex-guerrilheiros. A implantação desse esquema foi problemática por uma de duas razões: ou porque Muzorewa não foi capaz de atrair os rebeldes ou porque essas organizações mantinham seus integrantes sob rígido controle⁷¹. Os insurgentes capturados, totalmente sob o controle do governo, teriam constituído uma fonte ideal para o recrutamento, mas as frequentes execuções pelos soldados em campanha impediram que isso acontecesse.

Violência contra Civis

A violência contra civis também contribuiu para a tese de que os soldados adotaram e ampliaram a abordagem punitiva na contrainsurgência. Cerca de 19 mil civis africanos morreram na guerra. Isso decorreu, em parte, das ações de insurgentes. Empregavam a força contra os civis que se recusavam a cooperar, utilizavam-nos como escudos humanos e atacavam os serviços de saúde e de veterinária nas áreas rurais — o que causou, mais tarde, surtos de malária, raiva e moscas tsé-tsé. Com a intensificação dos combates, o governo passou a permitir mais violência contra

civis negros. Essa abordagem punitiva havia sido iniciada em 1973, com a imposição de multas a comunidades que auxiliassem os insurgentes. A brutalidade contra civis ainda não era aceita, mas, no final dos anos 70, a Rodésia passou a utilizar a expressão “morto em fogo cruzado” com certa liberalidade⁷². Nunca chegou a existir uma política clara e uniforme que pregasse o ataque a civis, no entanto. Na verdade, o gabinete ministerial sempre demandou uma abordagem mais severa, ao passo que o General Walls, o oficial mais antigo da Rodésia, tentou restringir a liberdade que Ian Smith desejava conferir-lhe. A certa altura, Smith, com o apoio de vários membros do gabinete, chegou a propor o abandono das “Regras de Queensbury sobre o combate” e a imposição da lei marcial em todo o país. O General Walls respondeu que, se era realmente aquilo que eles queriam, era melhor que renunciassem a seus cargos e o deixassem governar o país, como líder de uma junta militar⁷³.

Em um ambiente como esse, os soldados tinham maior liberdade para contornar as regras. O registro de um número considerável de “mortos em fogo cruzado” passou a ser algo aceitável, ao passo que, até o início dos anos 70, o Quadro Especial tratava cada morte como um caso policial⁷⁴. Essa nova postura tem, nas palavras de um soldado, possivelmente sua mais precisa descrição: “Em caso de dúvida, atire... Isso o mantinha vivo”. Ele, por exemplo, atiraria em um casebre caso visse um insurgente se escondendo entre os civis. Os soldados também revelaram que atiravam em figuras não identificadas, que corresse a certa distância⁷⁵. O diário de Dennison dá uma ideia do número de civis mortos dessa forma. Entre 29 Nov 75 e 28 Jul 79, sua companhia eliminou 364 insurgentes e capturou 39, matando, também, 170 civis (o número de civis feridos não foi registrado)⁷⁶.

O curioso é que, quando atacavam civis, os soldados não estavam cumprindo, conscientemente, a política do governo. O soldado mencionado anteriormente, que atirava para sobreviver, julgava que os oficiais mais antigos tentavam obedecer às Convenções de Genebra, mas que “as tropas em campanha costumavam zombar da ideia”⁷⁷. Outro soldado explicou que, para extrair informações, as tropas espancavam os civis que se recusassem a cooperar. De fato,



Associated Press/Eddie Adams

Crianças rodesianas em um abrigo improvisado no campo de refugiados de Harare, em Salisbury, Rodésia, 17 Abr 79.

esse tipo de tratamento ilegal e normalmente ineficaz era repetido com frequência⁷⁸. Houve instrutor que orientasse os recrutas da Infantaria Leve a matar qualquer civil que os visse em uma operação transfronteiriça, para reduzir o risco de ter a missão comprometida. Ele nunca faria isso na Rodésia, porque, dentro do país “valia o Estado de Direito”⁷⁹. Considerando essa noção, comum entre os soldados, de que era ilegal matar civis, é impossível explicar o elevado número de pessoas mortas em fogo cruzado com base na política governamental. Foi, provavelmente, mais uma manifestação da adoção de uma abordagem punitiva de contrainsurgência por parte dos soldados rodesianos e de sua posterior extrapolação (segundo pensavam), com a demonstração de pouco respeito à vida de civis.

Tentativas de Destruir a Paz

Alguns soldados adotaram a abordagem punitiva com tanto entusiasmo que eles quiseram continuar a lutar depois da vitória eleitoral de Mugabe. A princípio, havia a Operação *Quartz*,

um contragolpe concebido pelo alto comando das Forças de segurança, caso Mugabe perdesse as eleições e decidisse retomar o combate. Com o apoio da África do Sul, a Força Aérea, o Serviço Especial de Aviação, os *Selous Scouts* e a Infantaria Leve da Rodésia eliminariam os dirigentes da ZANU e os guerrilheiros nas zonas de reunião de cessar-fogo. Isso, supostamente, faria o ZANLA sofrer um retrocesso de 20 anos em seu esforço de guerra, e, em seguida, a ZAPU seria convidada a unir-se a um governo de coalizão. Muitos oficiais subalternos e sargentos que tinham ciência do plano esperavam ou desejavam que ele fosse um golpe “preventivo”. Ele não aconteceu porque tanto Muzorewa quanto o General Walls recusaram seu apoio quando surgiram as primeiras notícias sobre a vitória da Mugabe. Os dirigentes da Rodésia sabiam que o jogo havia terminado⁸⁰.

No entanto, alguns soldados estavam tão determinados a lutar que queriam iniciar o golpe eles mesmos. Talvez não surpreenda o fato de que eles pertenciam à Infantaria Leve, uma vez

que ela era empregada prioritariamente na força de fogo punitiva. Na Argélia, os paraquedistas transportados por helicóptero para a zona de combate e utilizados de forma parecida com as forças de fogo se voltaram contra o governo francês em 1960 e 1961⁸¹. Um comandante de pelotão da Infantaria Leve da Rodésia, que sabia que o golpe havia sido cancelado, orientou seus subordinados a provocar os africanos que estivessem celebrando. Disse-lhes que, se as pessoas reagissem e atacassem, eles deveriam atirar, com a esperança de que isso reiniciasse a guerra. Contudo, apesar das ações dos soldados, que cuspiram e urinaram na população, as pessoas não reagiram e as tropas retornaram ao acuartelamento⁸².

Tropas da Infantaria Leve, que prestavam segurança junto aos Estúdios de Transmissão da Rodésia, quase conseguiram provocar o reinício das hostilidades. Depois da vitória eleitoral, Mugabe chegou com alguns guarda-costas para fazer um discurso televisionado para a nação. Muitos dos jovens soldados expressaram o desejo de matá-lo, mas, no final, o comandante descartou essa opção. Receava que o comando do Exército não os apoiasse e os considerasse como traidores. Mais tarde, esse mesmo comandante descobriu que um de seus homens estava sumido. Encontrou-o dentro do complexo de estúdios com uma granada de mão, esperando pelo momento oportuno para matar Mugabe⁸³.

Considerando o fato de que apenas uma dezena de veteranos rodesianos registrou suas experiências por escrito, é provável que tenham ocorrido outros eventos semelhantes. Um resultado ligeiramente diferente em qualquer um desses eventos poderia ter provocado uma reação violenta contra os brancos pelos simpatizantes de Mugabe. Isso teria obrigado Walls e outros comandantes das Forças de segurança a acionar a Operação *Quartz*, possivelmente fornecendo uma justificativa para a intervenção da África do Sul. Depois da vitória de Mugabe, Pretória colocou um batalhão de combate perto da fronteira com o Zimbábue. O plano era que as Forças Especiais da África do Sul e da Rodésia instalassem explosivos durante a cerimônia de posse. Isso teria matado o novo Primeiro-Ministro e o Príncipe Charles. Os simpatizantes do ZANLA se voltariam, então, contra os brancos da Rodésia. Para evitar

um massacre, a África do Sul poderia, então, intervir, sem protestos por parte do Reino Unido, que estaria em choque com a morte do herdeiro do trono britânico e temeroso pela segurança de muitos brancos rodesianos com passaportes britânicos. Depois de uma invasão, a África do Sul tinha a esperança de unir forças com o ZIPRA, para eliminar o ZANLA e colocar Nkomo como o dirigente negro, que ficaria obrigado àquele país. O plano não se concretizou porque a Organização Central de Inteligência da Rodésia recebeu informações confiáveis e expulsou as tropas de Forças Especiais⁸⁴. Uma ação espontânea por qualquer um dos militares nos baixos escalões, como as tentativas de assassinato descritas anteriormente, teria sido igualmente eficaz em provocar a violência contra brancos e desencadear a guerra, provavelmente.

Reflexões sobre o Tema

A Rodésia conduziu uma contrainsurgência centrada no inimigo e de forte caráter punitivo. A estratégia se concentrou na taxa de eliminação, que os soldados acolheram com entusiasmo. De certo modo, isso funcionou bem porque as tropas permaneceram motivadas a eliminar insurgentes até o final da guerra, mesmo sob a liderança de um primeiro-ministro negro e contra uma enorme onda de insurgentes infiltrados.

O aspecto negativo do foco na eliminação foi o fato de os soldados rodesianos o terem adotado tão plenamente a ponto de passar a empregá-lo independentemente das ordens dos superiores. Assim, a violência na área de operações adquiriu sua própria dinâmica e, de fato, tornou-se um processo independente, controlado apenas em parte pela alta liderança. A inclinação em matar resultou na frequente execução de prisioneiros, o que dificultou o esforço de coleta de informações da Rodésia, algo que os estudos existentes sobre essa guerra muitas vezes ignoram⁸⁵. Ela também ficou aparente nas tentativas de destruir a paz, que, caso houvessem obtido êxito, teriam prejudicado os planos da elite política e militar da Rodésia para pôr fim à guerra.

O comportamento dos soldados rodesianos contribuiu para o entendimento das ações de soldados em guerras de guerrilha. Várias obras recentes analisaram o que motiva os atores em tais guerras a escolher um lado. Stathis Kalyvas,

em seu estudo sobre a violência na guerra civil, aponta para o importante fato de que os atores aderem ao lado que pareça ter o verdadeiro controle sobre uma área. Isso confere uma oportunidade para que as pessoas acertem contas em disputas pessoais, alinhando-se com essa força e denunciando aqueles de quem não gostem. A parte que controlar uma área determinará, assim, a lealdade das pessoas. Daniel Branch, em seu estudo sobre antisseparatistas durante a Revolta dos Mau Mau, no Quênia, considera o controle britânico como sendo o “desencadeador” do sentimento antisseparatista e a oportunidade de obter acesso à mão-de-obra e a terras como sendo um dos principais fatores de sua “sustentação”. Norma Kriger sugeriu algo semelhante ao que foi proposto por Kalyvas, em relação aos camponeses africanos na Rodésia, afirmando que os indivíduos privados de direitos (como os jovens na hierarquia baseada em idade, nas aldeias) apoiaram os insurgentes do ZANLA para mudar sua situação. Este artigo mostra que, para os soldados do governo, o simples desejo de dar continuidade a uma abordagem punitiva e centrada no inimigo pode se tornar um fator de motivação em si⁸⁶.

Isso é algo que deve servir de alerta para a ação da coalizão ocidental no Afeganistão. Essa guerra sempre teve um forte foco na eliminação de combatentes do Talibã e da Al Qaeda, especialmente durante os anos iniciais do conflito. O antigo Secretário de Defesa Donald Rumsfeld se opunha à construção nacional e desejava mostrar que os Estados Unidos podiam vencer guerras apoiando-se em tropas de elite e tecnologia. Assim, ele retirou o controle sobre as Forças Especiais das mãos dos comandantes regionais, na expectativa de que elas organizassem operações mais agressivas na caça a terroristas⁸⁷. Mais tarde, a postura estadunidense em relação à construção nacional mudou e, em 2006, forças de coalizão lideradas pelos Estados Unidos foram desdobradas em todo o país, com o intuito de criar uma nação afegã estável⁸⁸. Mesmo assim,

as operações de caça e eliminação continuaram. No início de 2010, o Presidente Obama chegou a aumentar o número de Forças Especiais no Afeganistão, ordenando-lhes que continuassem a perseguir o Talibã e a Al Qaeda⁸⁹.

Essas missões de caça e eliminação não estão livres de riscos. O frequente emprego de apoio aéreo por operadores provoca a morte de centenas de civis anualmente. Durante os ataques de surpresa noturnos, os civis são facilmente confundidos com talibãs. Em março de 2010, o General Stanley McCrystal, então Comandante da Força Internacional de Assistência à Segurança, assumiu, pessoalmente, o comando das Forças Especiais. Temia que elas não estivessem cumprindo as ordens de minimizar baixas civis ao perseguir o Talibã, o que minava o apoio ao governo afegão. Essas ordens já haviam sido precedidas por uma suspensão das operações especiais no ano anterior, a fim de encontrar um modo de minimizar as baixas civis⁹⁰. Talvez os operadores considerassem que suas ações de ataque eram mais importantes do que as ordens do comandante ou do que o plano de criar um governo afegão viável. Parece que o que ocorreu na Rodésia (onde o desejo das tropas por ações punitivas passou a ser um fim em si mesmo) talvez esteja acontecendo no Afeganistão também. Não está claro se esse perigo (potencial) está sendo suficientemente considerado. Até mesmo o Tenente-Coronel John Nagl, da Reserva do Exército, co-autor do Manual de Campanha 3-24, de COIN, afirma que, quando um exército convencional combate em uma guerra de contrainsurgência, os militares precisam mudar a forma de pensar e operar. Para o soldado comum, a rotina, de modo geral, permanece a mesma, uma vez que sua principal tarefa continua sendo localizar e eliminar o inimigo⁹¹. O que este artigo demonstra é que, se não for refreada, a preferência por matar por parte dos soldados pode prejudicar o esforço de guerra. **MR**

REFERÊNCIAS

1. GODWIN, Peter; HANCOCK, Ian. *Rhodesians Never Die—The Impact of War and Political Change on White Rhodesia, c. 1970-1980* (Harare: Baobab Books, 1995, publicado originalmente em 1993 pela Oxford University Press), p. 16, p. 315. Os números se baseiam no censo de 1970. O número de negros

continuou a aumentar, ao passo que o número de brancos era mais ou menos o mesmo ao término da guerra, em 1979.

2. MOORCRAFT, Paul; MCLAUGHLIN, Peter. *The Rhodesian War: A Military History* (South Yorkshire, UK: Pen & Sword Military, 2008), p. 33.

3. Ibid., p. 33-34, p. 80.
4. FLOWER, Ken. *Serving Secretly—An Intelligence Chief on Record—Rhodesia into Zimbabwe—1964 to 1981* (London: John Murray, 1987), p. 129, p. 208, p. 248.
5. MOORCRAFT, p. 77.
6. CILLIERS, J.K. *Counter-Insurgency in Rhodesia* (Beckenham: Croom Helm Ltd, 1985), p. 238-41; GODWIN, p. 246; MOORCRAFT, p. 198.
7. CILLIERS, p. 167; MOORCRAFT, p. 63.
8. GODWIN, p. 281.
9. CILLIERS, p. 50; GODWIN, p. 218-24; MOORCRAFT, p. 64, p. 198.
10. GODWIN, p. 308.
11. CILLIERS, p. 169.
12. CALLWELL, Charles Edward. *Small Wars: Their Principles and Practice*, 3rd ed. (1896; London: H.M.S.O., 1906), p. 41.
13. GODWIN, p. 1, p. 98-99.
14. MOORCRAFT, p. 33, p. 79-80.
15. FLOWER, p. 175.
16. COCKS, Chris. *Fireforce: One Man's War in the Rhodesian Light Infantry*, 4th ed. (Johannesburg: 30° South Publishers, 2006), p. 3-27; WARREN, Charlie. *At the Going Down of the Sun...* (Zanj Press, 2006), p. 23-24.
17. CROUKAMP, Dennis. *The Bush War in Rhodesia: The Extraordinary Combat Memoir of a Rhodesian Reconnaissance Specialist* (Boulder: Paladin Press, 2007), p. 10-15; MARTIN, Faan. *James and the Duck: Tales of the Rhodesian Bush War (1964-1980)—The Memoirs of a Part-Time Trooper* (Central Milton Keynes: AuthorHouse, 2007), p. 16, p. 21, p. 29, p. 37-38.
18. COCKS, p. 31; WARREN, p. 15.
19. WYLIE, Dan. *Dead Leaves: Two Years in the Rhodesian War* (Pietermaritzburg: University of Natal Press, 2002), p. 18-19.
20. GREINER, Bernd. "First to go, last to know". *Der Dschungelkrieger in Vietnam, Geschichte und Gesellschaft* 29 (2003), p. 249-50.
21. *Rhodesian COIN Manual*, cap. 3, seções 1-2.
22. GODWIN, p. 93; REID-DALY, Ronald; STIFF, Peter. *Selous Scouts Top Secret War* (Alberton: Galago Publishing, 1983), p. 76; THOMPSON, Robert. *Defeating Communist Insurgency: Experiences from Malaya and Vietnam* (London: Chatto & Windus, 1966), p. 84-89.
23. WOOD, J.R.T. *Counter-strike from the Sky: The Rhodesian All-Arms Fireforce in the War in the Bush, 1974-1980* (Johannesburg: 30° South Publishers, 2009), p. 38-39, p. 93-95.
24. REID-DALY, p. 589.
25. WOOD, J.R.T. *The War Diaries of André Dennison* (Gibraltar: Ashanti Publishing Limited, 1989), p. 251-57, p. 233-45, p. 263-77.
26. COHEN, Barry. "The War In Rhodesia: A Dissenter's View", *African Affairs* 76 (October 1977): p. 485.
27. MARTIN, p. 166; MELLON, Charles. "Top Secret War: Rhodesian Special Operations", *Small Wars & Insurgencies* 16 (March 2005): p. 65; MOORCRAFT, p. 107.
28. COCKS, p. 219-20; WARREN, p. 202-203.
29. COCKS, p. 68, p. 228; CROUKAMP, p. 138.
30. CILLIERS, p. 94-95.
31. WARREN, p. 39, p. 51-52; COCKS, p. 53.
32. WARREN, p. 52.
33. WOOD, *The War Diaries*, p. 251-57, p. 264-77.
34. WARREN, p. 39. WOOD, *The War Diaries*, p. 169-275.
35. COCKS, p. 63, p. 142; WARREN, p. 129-30.
36. MARTIN, p. 129-130.
37. COCKS, p. 46, p. 141; WARREN, p. 77-78.
38. COCKS, p. 137-38; MARTIN, p. 199-200; WARREN, p. 149.
39. MOORCRAFT, p. 51.
40. COCKS, p. 63; MOORCRAFT, p. 118. Sobre John Cronin, vide COHEN, p. 493; CROUKAMP, p. 319; HUBBARD JR., Douglas H. *Bound for Africa: Cold War Fight Along the Zambezi* (Annapolis: Naval institute Press, 2008), p. 102-103; MARTIN, p. 75; WARREN, p. 184-85; WYLIE, p. 94.
41. HERRING, George C. *America's Longest War—The United States and Vietnam, 1950-1975*, 4th ed. (1979; New York: McGraw-Hill, 2002), p. 186.
42. HUBBARD, p. 23; MARTIN, p. 76-77.
43. GODWIN, p. 11.
44. COCKS, p. 155, p. 233; MARTIN, p. xiv.
45. LEWY, Guenter. *America in Vietnam* (New York: Oxford University Press, 1978), p. 309-10.
46. COLE, Barbara. *The Elite The Story of the Rhodesian Special Air Service* (Transkei: The Three Knights, 1984), p. 55.
47. THOMPSON, Robert. *Defeating Communist Insurgency—Experiences from Malaya and Vietnam* (London: Chatto & Windus, 1966), p. 84, p. 87, p. 89.
48. FLOWER, p. 105.
49. REID-DALY, p. 18-19.
50. TRETOWAN, Anthony. *Delta Scout: Ground Coverage Operator* (Johannesburg: 30° South Publishers, 2008), p. 129, p. 135-36.
51. HACK, Karl. "British Intelligence and Counter-Insurgency in the Era of Decolonization: The Example of Malaya", *Intelligence and National Security* 14 (1999): p. 131.
52. COLE, p. 42; REID-DALY, p. 177.
53. COLE, p. 170, p. 198, p. 233, p. 272, p. 306, p. 322, p. 352; REID-DALY, p. 280, p. 291.
54. REID-DALY, p. 58, p. 66-67, p. 124.
55. COCKS, p. 79, p. 218, p. 245; CROUKAMP, p. 435-36; WARREN, p. 72.
56. WOOD, *The War Diaries*, p. 378.
57. WOOD, *Counter-strike*, p. 111.
58. Ibid., p. 347.
59. WYLIE, p. 153.
60. COCKS, p. 112; WARREN, p. 14-17.
61. CROUKAMP, p. 132.
62. WARREN, p. 72.
63. GODWIN, p. 213.
64. CILLIERS, p. 220; MOORCRAFT, p. 224-25.
65. HACK, p. 130-31.
66. CILLIERS, *Counter-Insurgency in Rhodesia*, p. 223-24.
67. REID-DALY, *Selous Scouts*, p. 35. Sobre Peter Stanton; Ibid, p. 21, p. 22, p. 37-52, p. 58-71, p. 89, p. 118, p. 130, p. 141, p. 147, p. 153, p. 181, p. 194, p. 197, p. 199, p. 220, p. 223, p. 311-13, p. 335-40, p. 686, p. 694, p. 699, p. 704. Para referências sobre Winston Hart.
68. COCKS, p. 245; CROUKAMP, p. 173; WARREN, p. 75.
69. COCKS, p. 79-80, p. 218, p. 245.
70. COCKS, p. 245; WARREN, p. 277.
71. FLOWER, p. 199, p. 204.
72. MOORCRAFT, p. 38, p. 129-35. Um relato detalhado sobre a coação exercida pelo ZANLA nas comunidades rurais consta de KRIGER, Norma J. *Zimbabwe's Guerrilla War Peasant Voices* (New York: Cambridge University Press, 1992).
73. FLOWER, p. 211.
74. COHEN, p. 488-89.
75. COCKS, p. 93, p. 97; WYLIE, p. 144, p. 152.
76. WOOD, p. 27, p. 347.
77. COCKS, p. 93.
78. WARREN, p. 39-40.
79. CROUKAMP, p. 410.
80. MOORCRAFT, p. 148, p. 177-78.
81. PARET, Peter. *French Revolutionary Warfare from Indochina to Algeria: The Analysis of a Political and Military Doctrine* (New York: Frederick A. Praeger Publishers, 1964), p. 37.
82. CROUKAMP, p. 445-46.
83. WARREN, p. 282-85.
84. MOORCRAFT, p. 178-79.
85. CILLIERS, p. 218-35. Para uma discussão sobre o esforço de Inteligência da Rodésia, sem referências à questão dos prisioneiros. GODWIN; HANCOCK, *The Rhodesian War*, p. 284 cita Cocks (p. 236) para mostrar como a guerra embruteceu a sociedade branca; Moorcraft não menciona a execução de prisioneiros.
86. BRANCH, Daniel. *Defeating Mau Mau, Creating Kenya Counterinsurgency, Civil War, and Decolonization* (New York: Cambridge University Press, 2009), p. 115-16, p. 146-47; KALYVAS, Stathis. *The Logic of Violence in Civil War* (New York: Cambridge University Press, 2006), p. 145, p. 389; KRIGER, p. 208-209.
87. HAASS, Richard N. *War of Necessity, War of Choice: A Memoir of Two Iraq Wars* (New York: Simon & Schuster, 2009), p. 199-203; *New York Times*, Times Topics, United States Special Operations Command, disponível em: <http://topics.nytimes.com/top/reference/timestopics/organizations/s/united_states_special_operations_command/index.html?inline=nyt-org>, acesso em 13 mai. 2010.
88. ISAF, 'History' e 'Mission'. Disponível em: <<http://www.isaf.nato.int/history.html>> e <<http://www.isaf.nato.int/mission.html>>, acesso em 3 out. 2010.
89. BARNES, Julius E. "U.S. doubles anti-Taliban special forces", *Los Angeles Times*, 15 abr. 2010.
90. ELLICK, Adam B. "U.N. Official Calls for Review of American Raids", *New York Times*, 14 Jun. 2009, New York edition; OPPEL JR., Richard A.; NORDLAND, Rod. "U.S. is Reining in Special Forces in Afghanistan", *New York Times*, 16 Mar. 2010, New York edition; SCHMITT, Eric; MAZZETTI, March. "U.S. Halted Some Raids in Afghanistan", *New York Times*, 10 Mar. 2009, New York edition.
91. NAGL, John A. *Learning to Eat Soup with a Knife: Counterinsurgency Lessons from Malaya and Vietnam* (Chicago: University of Chicago Press, 2002). Reimpresso com introdução de Peter J. Shoemaker e prefácio de John A. Nagl (Chicago: University of Chicago Press, 2005). As referências de página são para a edição de 2005, p. xii, p. 27-28.